MEU NOME É PROXY

LIBRENZA GARCIA

MEU NOME É PROXY

Librenza Garcia

A CARTA-CORAÇÃO

Eles falam de coração:
Bulhas, átrios, pressão;
Músculos rompidos
Como cordas de um ventríloquo -
Mas te digo em absoluto
Que não sabem do que falam.

Ninguém sabe o que diz,
Ninguém sente
Como sinto em mim
A pulsação furiosa
O sangue no poço da alma
Vertendo a saudade vultosa;

Não, como poderiam?
Não te viram ir embora,
As noites não passam sozinhos,
Não sentem teu cheiro, insones,
Quando em verdade
Farejam as horas.

Falam de coração;
Cordoalhas, fibras, o inferno;
Mas como podem
Escrever tratados
Se o que basta ser dito
Não cabe em palavras?

Se o que trago no peito
É uma válvula rota,
Que importa que saibam
Frequência ou ritmo?
Meu peito só galopa insistente
Ao rumor de teus lábios despidos.

Discutam, escrevam, falem;
Também eu sou meio tolo:
Se basta-me a saudade
Do que nunca veio a ser,
Se quero ao coração dar uma forma
E forjá-lo do frescor de poucos versos

Se espero ouvir teus pés chegando à porta
Quando sei que não virás
Temendo ouvir em teus lábios
Um ranger de nunca mais
Porque também eu teimo
Em por o coração num poema?

Por que, querida,
Deixaste meu coração louco,
Meu corpo vazio,
A alma calada?
A verdade é que os estudiosos
No fundo não sabem de nada.

Em que página de teu corpo
Ou nuance de palavra
Para sempre eu empenhei
O peito ferino, sequioso?
Em que parte desta trama
Tu viraste a minha alma?

INÊS

O quarto
Uma composição de Kandinsky
Onde fraqueja a luz
E espocam as cores
Sob a exausta gravidade –

E teu corpo sobre o corpo do silêncio.

A noite
Um desatino de Van Gogh
Entrelaçado em meu crânio que acode
Os meus lábios que pincelam
Qualquer coisa de insano –

E tua ausência à meia-luz que me acena.

A distância
Métrica neurótica e encardida
Chocalhando como trem antigo
Nos trilhos de penumbra
Que asseveram o infinito,
Grave e autêntico infinito –

E tua voz num díssono alarmante.

Chegou a hora?
Não, a hora jamais chega;
A hora sempre esteve aqui.
A hora já foi faz tempo.
Faz diferença?
Não, talvez não faça.

O mundo, um leito frio,
Delírio de Munch:

Negrume brancacento
E flores aleijadas
Em vasos espásticos, convulsos
Que espiam porta afora –

E o teu sono sobre o sono do infinito.

A BAILARINA DECAPITADA

bailarina
pequena bailarina
cujo corpo se ressente
do pavor de minhas mãos;
não sou um soldado de chumbo
tampouco um príncipe nobre
não sou teu futuro
ou o fragor de teu vestido
que de sonhos se recobre;
não, não sou nada.

bailarina
pequena bailarina
cuja música se lavra
no silêncio e no horror
tua pequena cabeça disforme
jaz no chão decapitada;
teus passos de ioiô
calados. inquietos.
se meus pais me encontram
te guardam na caixa –
e aí, então,
adeus para sempre
bailarina.

bailarina,
pequena bailarina
há quantas noites tua estrela
permanece apagada?
quantas vezes tua ausência
habitou estas escadas
onde não envelheceste,
no inverno da antessala
quantas vezes esqueceste

de que foste decapitada
pelo amor de minhas mãos?

bailarina
pequena bailarina
lamento que tua tumba
seja a rosa do jardim;
mas que mal que pode haver
na rota de tua beleza
en-
fim encontrar seu fim?

haverá outras bailarinas,
pequenas bailarinas
com a cabeça no lugar.

SONATA DOS RATOS

Que há nessa chuva,
Que há no silêncio?
Entre as frestas, me vou espremendo
A pelagem madura
Os dentes sorvendo
Noite e agonia.

A cidade guincha
Já qualquer lamento
Buzinas, gritos, cerveja,
Matilha de mendigos
Pés apressados
Cantos bolorentos
A abrigar meus irmãos;
Estamos por toda parte,
Prolíficos, invisíveis.

Do topo do arranha-céu
Às entranhas do inferno,
Em cada sinapse e bocejo
Em cada bilhete ou terno:
Aqui estamos, silenciosos,
Acariciando o tempo
Como quem rói um trapo.

A manhã se entrincheira
Em meus passos cinzentos;
A chuva que inunda bueiros
E eu e meus irmãos
Vertendo de toda parte
Como uma primavera peluda
Que agita as patas e aflora.

Que distúrbio é esse de agora?
Que tristeza é assim tão premente?
O mundo, calado e demente,
O fuço imperioso das horas;
O apetite fugaz e inclemente
De nossos olhos cinzentos
E um sem-fim de cadáveres-homens
Roídos à luz da aurora.